



MAIA, Ana Paula. *Assim na terra como embaixo da terra*.  
Rio de Janeiro: Record, 2017.

Valdemar VALENTE JÚNIOR  
Universidade Castelo Branco, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 07/10/2017 • APROVADO EM 10/01/2018

---

## Texto integral

---

O novo romance de Ana Paula Maia reitera algumas personagens de *De gados e homens*, ainda que a visão do que se apresenta como cenário da narrativa mude seu foco de um matadouro de gado, porcos e ovelhas, caracterizado pela imundície que se associa à violência, para uma Colônia Penal onde a miséria humana, do mesmo modo, não encontra limites enquanto os presos são amontoados como percevejos e a infâmia dita suas regras. Por essa via, *Assim na terra como embaixo da terra* reedita as condições de perversão que incidem sobre os que perderam a vez, não havendo como lhes ser possível vir à tona no lodaçal onde chafurdam. Diante disso, a escatologia confirma uma condição que se faz previsível em Ana Paula Maia sem que a isso se apresente a possibilidade de um lugar-comum do que em seus romances corresponde a uma situação contrária, no sentido de uma permanente inquietação diante da falta de perspectivas das personagens. O ambiente insidioso de uma Colônia Penal contribui para que a trama se manifeste a partir de uma tensão que lhe confere a medida do que representa a condição presente na forma de um hiper-realismo, confundindo os termos do que se faz divergente entre a realidade e a ficção. Desse modo, *Assim na terra como embaixo da terra* abre caminhos por onde transita a narrativa contemporânea como expressão da desigualdade de um mundo onde os afetos inexistem.

O ambiente carcerário configura-se como espaço onde as desesperanças personificam uma condição atemporal diante da qual o sofrimento se paralisa, não havendo como ser mensurada a dívida que atrela o homem ao infortúnio e à dor. Assim, o apego de Valdênio a um cão sarnento e esquelético, que apodrece e morre com uma ferida na barriga, causa espanto a Taborda, que escuta como resposta que essa situação referenda a ausência de sentimentos positivos em um lugar como a Colônia Penal. Isso pode corresponder à escassez de alimentos, uma vez que o galinheiro e a pocilga aproximam-se da dizimação completa, o que agrava ainda mais a situação dos detentos. A penúria que se apodera da população carcerária funciona como manifestação de recrudescimento do autoritarismo, bem como da crescente exclusão social que atinge os mais pobres. O poder coercitivo de que se investe a direção da Colônia Penal dá conta dos dispositivos que se aplicam a um rigoroso esquema de disciplina que reproduz as formas da tirania mais abjeta. A isso alia-se a ausência de meios capazes de socializar os detentos, para quem as possibilidades de reintegração à vida livre mostram-se remotas, e a expectativa de reverter esse quadro parece ter chegado ao fim da linha. Marcada pela falta de perspectivas, a sequência dos dias nesse cativeiro humano expressa a ausência de lugar para os que perderam o fio da meada de uma esperança que nunca existiu.

A falta de comida, aliada ao clima de hostilidade e violência que predominam na Colônia Penal sugerem soluções compensatórias, a exemplo da caça de um enorme javali como recurso capaz de suprir a escassez alimentar. Assim, a convivência com o sangue e as vísceras dos animais concorre como termo que agrava a relação entre os homens e o meio de que fazem parte. Diante disso, todos parecem condenados a um cotidiano medíocre em que a sobrevivência impõe sanções aos que fujam aos padrões de comportamento que lhes são determinados. Do mesmo modo, o clima de paralisia das situações que não têm como se transformar fazem da Colônia Penal um lugar onde a expectativa de vida não conhece um caminho a ser seguido, na medida em que o início e o fim se assemelham, segundo um percurso indefinido para os que não conseguem enxergar o presente nem imaginar o futuro. Daí o clima nauseante que envolve os detentos caracterizá-los como espectros do crime, animais ligados aos ritos que envolvem marcas de sangue, configurado no ambiente pesado das celas infectas onde são confinados, decorrendo disso a hediondez que os caracteriza. Em vista do que se apresenta como registro, *Assim na terra como embaixo da terra* sinaliza a situação irreversível do que não tem como ser superado, a partir de um ambiente que se mostra adverso.

A convivência precária entre os detentos concorre para que a Colônia Penal se configure em espaço reservado aos que perderam, além da liberdade, a expectativa de viver a plenitude da existência, na medida em que o confinamento se situa como condenação que se amplia para além da sentença, representando a morte em vida. Além disso, a origem dos detentos, agregada à atividade criminosa, resulta de conflitos de várias ordens, representados por estupros e sevícias como expressões da violência familiar que se ampliam como condição *sine qua non* à corporificação do crime como uma espécie de natureza interior. Daí o encarceramento recrudescer instintos perversos que se manifestam na crueldade

com que os animais são mortos, para efeito da alimentação, do mesmo modo, como expressão de um fetiche que resulta no empalhamento da cabeça do javali como um troféu, representação da morte em seu requinte de sadismo. O tributo cobrado de quem infringe as leis atinge em cheio os mais fracos, que por sua vulnerabilidade estão sujeitos a sofrer o peso que a justiça impõe aos que não podem se defender em plena igualdade, se comparados aos crimes cometidos pelas classes superiores. A Colônia Penal, portanto, indica o caminho sem volta dos que não têm como se recuperar, em face da criminalidade como instância irreversível.

Os crimes encomendados continuam a emanar da Colônia Penal em um quê de frieza que se alia à insensibilidade diante da morte dos animais e do cheiro que deles exala. Nesse cenário, Bronco Gil agencia a morte, dos animais e dos homens, intermediando assassinatos de políticos do interior e figuras indesejáveis a quem se faz preciso eliminar, desobstruindo o caminho dos que têm pressa em ultimar a maldade. A imputação dos crimes mais hediondos faz dos prisioneiros elementos sob o risco permanente da morte diante das tentativas de fuga que se veem frustradas, em vista do requinte de sofisticação das represálias que os carcereiros executam. Melquíades atua como um guarda-carcerário de rifle em punho, ditando ordens a um rebotalho de gente condenada, para quem a remissão dos crimes não encontra um termo favorável. As instâncias de convivência, nesse local, podem vir a representar o momento fatal, nunca se tendo a certeza do próximo dia. Assim, Bronco Gil e Pablo são encarregados de cavar um fosso para enterrarem os corpos dos que tentaram fugir e foram atingidos pelos tiros desferidos por Taborda. A impossibilidade de fugir da Colônia Penal implica na derrocada dos corpos abatidos, assim como dos javalis que alimentam os detentos.

No entanto, o anúncio da desativação da Colônia Penal, após uma série de estágios, iniciados há mais de cem anos, quando fora fazenda de escravos, além de criatório de animais e produtora agrícola, impacta diretamente a Melquíades, que passa a exterminar os presos como forma de extravasar a maldade que o fizera passar nesse local parte de sua vida. Diante disso, constata-se a inexistência de pessoas bondosas por detrás dos muros, uma vez que aí se ensina uma espécie de gramática da maldade, a partir do que nessa escola do crime potencializam-se como instintos espúrios dos que não têm escapatória, sem conseguir fugir de si mesmos. A precariedade inerente à sobrevivência, sempre no limite da morte, faz com que a Colônia Penal se converta em antessala do inferno, ou em confraria do sadismo, onde os instintos mais abjetos encontram morada. Assim, as alusões à trajetória criminosa dos detentos induzem a um calvário de sofrimentos não apenas de ordem pessoal, mas também referentes aos sofrimentos causados aos outros, o que resulta na expiação que os faz pagar por seus pecados, sendo a morte uma espécie de coroamento que se eleva à condição máxima para a qual não existe perdão.

Desse modo, Bronco Gil, Pablo, Jota, Índio e Valdênio sentem a aproximação da morte pelas mãos de Melquíades. A fuga que planejam resultará no assassinato desse algoz, com o intuito de arrancarem a tornozela e, por conseguinte, eliminar Taborda. O limite da opressão tende a estender-se de modo a configurar a morte dos detentos como fato consumado, no rol das banalidades de um ambiente marcado pela injustiça. A todos atemoriza a presença de Melquíades como alguém

que a qualquer momento pode vir a disparar seu rifle. O disparo pode representar do mesmo modo o abate de um homem, de um javali ou de qualquer outro animal, uma vez que as expectativas de superação da situação adversa mostram-se improváveis. A prisão a que todos se veem condenados ultrapassa os muros da Colônia Penal, na medida em que não há como cada indivíduo libertar-se da dependência que a convivência prisional acaba por gerar. A tornozeleira funciona apenas como mais um detalhe da dependência que se aprofunda na relação dos presos com o guarda-carcereiro. Vitimados no âmago do representa o sentido pleno da liberdade, esses homens há muito desconhecem o significado da vida sem perseguição.

No entanto, Pablo consegue fugir, e mesmo perseguido por Melquíades, depois de vê-lo desmaiado, troca seu uniforme de detento pelo do guarda-carcereiro. A partir do desaparecimento de Melquíades, Taborda assume o comando dos detentos, e assim esses homens indesejados, banidos pela sociedade, se aglomeram em um verdadeiro cemitério onde os fossos são cavados nos mesmos lugares onde cães leprosos e homens arruinados são sucessivamente enterrados. Em seguida, Heitor, o oficial de justiça, retorna à Colônia Penal trazendo Melquíades algemado, como se fosse um detento. Na condição de fugitivo, uma vez que teve seu uniforme trocado por Pablo, é conduzido a uma cela de isolamento. Na conversa com o oficial de justiça, Taborda omite o paradeiro de Melquíades, que ao retornar à Colônia Penal chama-se Chico, bem como dos quarenta e dois detentos que deveriam constar como ingressantes e foram assassinados. Em seguida, resolve contar a respeito dos desaparecidos, apontando para o fundo da terra. Por sua vez, Valdênio diz ser Melquíades o homem que retornara à Colônia Penal, revelando as atrocidades que têm lugar por detrás dos muros.

Do mesmo modo que o lixo não coletado se amontoa entre urubus, porcos e ratos, os detentos são imprestáveis, com a diferença de que o lixo ainda pode ser reciclado, e os homens não podem sê-lo. Assim, a partir de um descuido do oficial de justiça, Melquíades arromba o armário e foge com algumas armas, perpetrando o assassinato de Taborda e Valdênio, os últimos detentos. Restam apenas Bronco Gil e Heitor, o oficial de justiça, contra Melquíades, dando-se início a uma caçada humana que, a exemplo da perseguição aos javalis, requer perícia e paciência. Bronco Gil acaba por matar Melquíades, tendo a tornozeleira retirada pelo oficial de justiça, que lhe restitui a liberdade. Do lado de fora, caminha por uma estrada que não sabe onde vai dar. Ao pedir carona, conhece Milo, um pecuarista que, ao vê-lo sair da Colônia Penal, acredita ser ele capaz de comandar gados e homens. Daí o convida a trabalhar, oferecendo-lhe salário, casa, comida e uma folga quinzenal. Para Milo, sair da Colônia Penal parece algo impossível, sendo Bronco Gil, por isso, alguém para quem a vida recomeçou.

---

## Referências

---

MAIA, Ana Paula. *Assim na terra como embaixo da terra*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

---

## Para citar este artigo

---

VALENTE JÚNIOR, Valdemar. Resenha de “MAIA, Ana Paula. *Assim na terra como embaixo da terra*. Rio de Janeiro: Record, 2017”. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 6, n. 3, p. 329-333, set.-dez. 2017.



---

## O autor

---

**Valdemar Valente Júnior** é doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ, pós-doutor em Literatura Brasileira pela UERJ e professor assistente da Universidade Castelo Branco.